

## SOBRE AS DITADURAS QUE NOS ASSOLAM.

Início essa digressão justificando seu título; basta que olhemos a nossa volta para que percebamos as inúmeras ditaduras que digladiam-se diuturnamente para assolar nosso bem-estar: temos a ditadura de direita, a ditadura nacionalista, a ditadura de esquerda, a ditadura de centro, de centro-esquerda, de centro-direita, a ditadura extremista, a ditadura radical e paro por aqui porque temos outras mais. E a pergunta que surge é: sobre a égide de qual delas queremos viver? Lembrando que estamos em ano eleitoral com o incremento da cibernética jogando por todos os lados a trazendo um rosário de dúvidas, receios, crenças falsas e discursos eivados pelo ódio e pela imposição de opiniões.

E se me permitem, avanço um pouco mais sobre essas ditaduras, pois elas não são as únicas que versejam pelo tecido social sempre interessadas em causar impacto desestabilizante; ousou cometer uma heresia, mas peço que compreendam que a finalidade é sempre nobre e destituída de ânimo pessoal. Observemos aquilo que se pode chamar de “Ditadura das Minorias”, que se fundam nos direitos insculpidos na constituição e também na própria carta da ONU, também chamada de Declaração Universal dos Direitos Humanos e que tem por objetivo a proteção e valorização dos grupos tidos como minoritários que ao longo da existência humana foram relegados a um plano de indiferente e triste anonimato, como se quisesse a sociedade esquecer-los no limbo.

E porque descrevo-as como ditaduras? Começemos pelo início, com o excerto abaixo extraído de um texto do Gestor e Jurista português Bernardo Theotónio-Pereira que afirma: *“Não condeno opiniões, ideias, religiões, ideologias ou formas de vida diferentes. Aliás, gosto de as conhecer, debater e estudar. Mas chateia-me (ao jeito de Pinheiro de Azevedo) que uma minoria, por oportunidade, pretenda tornar o que não é normal na normalidade. E pior, pretenda fazer do que não é normal o paradigma do progresso e do futuro”*<sup>1</sup>.

Muito embora essa transcrição tenha como contexto um questionamento político, tomo a liberdade de transpô-lo para o meio social retomando a análise de que estamos diante de um impasse que tem colocado a própria democracia em risco. Todavia se nos detivermos atentamente veremos que, de fato, a tirania das minorias assola o ocidente nos tornando uma espécie de massa de inocentes úteis facilmente manipulados por mecanismos de informação que servem aos interesses de pequenos grupos oligárquicos condutores da opinião no sentido que melhor lhes aprouvem.

*“Minorias, como qualquer um poderia verificar com facilidade, não têm problemas no mundo político, elas o dominam. Existe um problema intrínseco em querer, desse modo, moldar a sociedade a partir de réguas minoritárias, o que é, por definição, uma tirania.*

*É um fato facilmente constatável que minorias, necessariamente, mandam nos campos políticos. A maioria necessita de um grupo para organizar, administrar e comandar as sociedades e, precisamente, tal grupo se torna uma minoria. Assim é a minoria política de qualquer sociedade existente ou que já existiu e, portanto, tal grupo minoritário não é necessariamente tirânico; porém, minorias ideológicas e progressistas já representam um problema de outro nível”*<sup>2</sup>.

A constatação fática fica despicienda, pois basta olhar ao nosso redor para concluir que estamos sob a égide de uma Ditadura de Minorias.

Um fato recente nos faz pensar um pouco mais a frente; nos referimos à censura, levada a cabo pelo Ministério da Justiça, a um filme já veiculado desde 2017 intitulado *“Como Se Tornar o Pior Aluno da Escola”*<sup>3</sup>, no qual em uma cena polêmica o ator Fábio Porchat, na pele de um pedófilo, incita que dois garotos menores de idade o masturbem, indicando que a cena é um estímulo à pedofilia. Pela decisão da pasta referido filme deveria ser retirado das plataformas de streaming e a seguir alterada sua classificação etária<sup>4</sup>.

Observemos que, de início, não há dúvidas de que se trata de um ato de censura puro e simples, ao mesmo tempo em que não há uma análise mais apurada sobre o fato de que a citada cena não constitui em si um crime, muito menos um ato de incitação, mas sim uma forma de abordar o tema sob a ótica cinematográfica e também como colocar o tema como absolutamente condenável. Em um excelente e impecável artigo publicado no último dia dezoito do corrente, o criminalista Fabio Pagnozzi elucida com concisão e coerência os aspectos polêmicos da discussão instalada pelo ato do Ministério da Justiça e do qual extraímos alguns pontos.

*“O primeiro ponto é referente sobre as definições de liberdade de expressão. A liberdade de uma pessoa se expressar ela é uma máxima de todo ser humano em um país livre, e os excessos precisam e devem ser julgados sobre o rigor da lei. Mas, o que é muito perigoso é quando entramos no campo de definirmos os ‘limites dessa liberdade’, pois sempre ficará ao critério e caráter subjetivo de quem o está limitando, ou suja, sempre será por um olhar pessoal e específico opinativo.*

*O segundo ponto é sobre realidade e ficção, e o que pode ser feito em um e outro. Precisamos deixar bem claro que a ficção não precisa ter relação com a realidade e muitas vezes pode ser usada para apresentar temas polêmicos para o debate e compreensão do seu público, na ficção não existe o crime real, caso existisse, não existiriam mortes nos filmes, assaltos, guerras etc. Tratar a ficção como se fosse realidade, é no mínimo, falta de entendimento”*<sup>5</sup>

Não creio que seria temerário afirmar que a ação desencadeada pelo órgão ministerial possui toda a aparência de um ato ditatorial sem amparo na coerência, frisando que a eventual alteração da classificação etária da referida película é um ato discricionário daquele órgão e que em nada pode ser criticado ou reprovado, restando as lamentáveis consequências e repercussões que dominaram os meios de comunicação causando um alarde, a nosso ver, não apenas desnecessário como desarticulado.

Analisando nossas considerações iniciais é importante destacar que não se trata aqui de uma crítica pura e simples sobre ações como as descritas acima, mas sim uma coleta de dados com respectiva avaliação crítica e valorativa para que possam os leitores compreender em que momento nos encontramos e como o tabuleiro de xadrez mundial e também local opera com o fito de construir elementos favoráveis aos interesses sociais, políticos e econômicos que somente dizem respeito a uns poucos favorecidos que persistirão no controle dos rumos de nossas vidas manipulando essas minorias em favor desses mesmo interesses, como oferecendo a cenoura que o coelho jamais alcançará.

Nesta altura, gostaria de ressaltar uma consideração relevante que permeará essa análise; o respeito que se almeja deve ser conquistado e não imposto, pois aquele que é imposto se faz por meio do uso da força, da tirania e do medo e redundando necessariamente rancor reprimido, razão pela qual te convicção de que ditaduras operam dessa maneira, semeando medo e colhendo rancor.

Vejamos outro aspecto interessante que versa sobre o uso de linguagem de tratamento neutro cujo objetivo é adotar uma estratégia para evitar o uso do masculino genérico no idioma. Existem várias propostas para promover essa alteração. O uso do “x” e do “@”, por dificultarem a fala e a leitura, já é considerado inapropriado. E como fazer seu uso no linguajar não ortográfico que certamente gerará uma sucessão de dúvidas e incertezas causando ainda mais confusão que solução. Aliás, cabe questionar se o uso dessa estrutura linguística resultará em um benefício eficaz junto à população em geral.

Será que possuir uma linguagem voltada para a pluralidade possa operar uma efetiva mudança comportamental? Se eu digo “Bom dia a Todos” ou “Bom dia, Pessoal” estarei eu, de fato e intencionalmente, agindo com o intuito de discriminar? Em situações formais o que fazer? Isso me leva a crer que o uso de tratamento neutro serve, indiretamente, para germinar uma espécie de “ditadura minoritária” que atingirá o incauto que em sua linguagem coloquial não atentar para seu uso. A utilização de uma linguagem inclusiva é de fato um mecanismo de inclusão social? Não tenho a resposta para essa pergunta e apenas o tempo dirá o que devemos realmente fazer.

Encontramo-nos, pois, em um momento histórico-social em que se opera o desconstrucionismo no qual a simples existência de padrões biológicos diversos poderia ser contestada por ideologias, e que a defesa das minorias geraria cadeia para aqueles que ousassem expressar o pensamento da maioria, concedendo privilégios às minorias e romantizando a expressão de pensamentos minoritários.

*“Em nome dessa pretensa igualdade, por exemplo, países como o Canadá estudam banir símbolos religiosos de locais públicos de trabalho; locais como a França permitem o direito à blasfêmia e ao ultraje ao culto, ao mesmo tempo em que seguranças de catedrais são presos por retirar, à força, feministas que urinam em altares. Ninguém de uma época e região mais decente poderia, de fato, prever esse tipo de coisa”.*<sup>6</sup>

E nesse cenário temos a censura agindo como elemento opressor, abandonando seu viés partidário, vez que em nome das minorias, as majorias são relegadas a segundo plano e ameaçadas de retaliações de todo tipo. Vivemos, pois, em um processo de preconceito reverso pelo qual, privilégios são criados para essas minorias, embora constituam benefícios para seus representantes políticos, coibindo ciência com discursos imprecisos fundados em legislações confusas valendo-se de uma pauta dita progressista que intimida e cala todos aqueles que ousem discordar dessas posturas, suprimindo o diálogo e o debate já que sempre teremos uma situação maniqueísta absoluta.

Marielle Franco foi assassinada porque era negra? Porque optara por uma sexualidade alternativa? Ou porque trouxe a voz da minoria para debate? Aliás, trata-se de uma minoria apenas do ponto de vista retórico, já que se trata, de fato, de uma maioria reprimida social e politicamente. E com esse pano de fundo cria-se um desinteresse fático em não solucionar o crime, causando ainda mais ruptura dentro do tecido social. Essa é a pauta progressista que intimida e cala sem que haja reação. Parece confuso? Sim, é muito confuso!

É por meio dessa vertente que os Estados Unidos da América forneceram todos os subsídios para que Osama Bin Laden pudesse combater a ofensiva russa em território afegão, e depois se visse enredado em uma outra batalha para aniquilar o mal que eles próprios haviam gerado; é por meio desse discurso contra uma chamada minoria religiosa que se desejou enfiar goela abaixo dos povos do Oriente Médio o conceito ocidental de “Democracia”, algo totalmente incompreensível para eles.

E o efeito mais nefasto no manuseio dessas “Ditaduras das Minorias”, a nosso ver, reside na descarada manipulação da verdade feita por aqueles que se dizem líderes e que se valem de uma dita “virtude” para vetar a discordância em nome do bem para proteger fracos e oprimidos o que é sabido ser pura falácia! A mais pura e cristalina verdade encontra-se na valorização da democracia como elemento aglutinador de interesses em busca do interesse comum, ou seja, que o processo político livre e democrático saiba conceder às minorias não apenas voz como também reconhecimento que deve vincular-se a cada cidadão de bem que em seu âmago preserva o germe da igualdade e da fraternidade.

Aqueles que vilipendiam os direitos humanos são os mesmos que em época eleitoral constroem discursos direcionados aos que preservam dentro de si o vírus da arrogância e da falsa superioridade, transformando em vilões todos os indivíduos que pertençam ou defendam interesses tidos como minoritários. São estes indivíduos que visitam favelas (agora denominadas “comunidades”) lançando mão da bandeira de que é necessário urbanizar e institucionalizar aquele recanto ao mesmo tempo que, passadas as eleições, deixam entregues à sua própria sorte moradores desabrigados ou desalojados na região serrana do Rio de Janeiro, ou nas cidades de Minas Gerais que foram vitimadas pelas enchentes.

Então veremos que neste ano eleitoral teremos, certamente, diversos defensores dos direitos humanos apenas e tão somente com o intuito de angariar votos, pois como sabemos, eleitos esquecerão de comunidades, bairros, cidades e pessoas que persistirão entregues à sua própria sorte. E todos eles defenderão as minorias até o limite de seus votos, assim como trarão para si outra forma de manipulação pelo meio midiático e cibernético, pois estes são os ambientes onde se proliferam falsas notícias sobre minorias, falsas informações construídas apenas para depauperar contendas válidas ou mediocrizar opiniões contrárias.

A politização das minorias constitui um uso mefistofélico dessas minorias com vistas a fomentar diferenças e desigualdades, atuando indiretamente contra eventual objetivo integrador existente, vindo, pois, a criar mais desigualdades e acentuando antagonismos; é isso que veremos neste ano eleitoral com políticos ora enaltecendo determinada minoria e atacando a maioria (a qual, via de regra ele pertence!) e ora realçando antagonismos que servirão ao seu propósito.

*“Quem pertence à minoria, mas não é, simultaneamente, militante político e não serve ao projeto de poder, é discriminado e tratado como traidor. Minoritário dentro da minoria! Penso que isso mostra como a causa é política e sua benemerência passa longe de uma virtude real. O interesse pelo poder supera o interesse pela causa”.<sup>7</sup>*

Alguém com algum senso lógico acredita que um político após ver-se eleito volte sua atenção para a massa que nele votou? Se assim fosse certamente não teríamos desastres como o ocorrido na região serrana do estado do Rio de Janeiro<sup>8</sup>. Ainda segundo a visão desses autodenominados “progressistas”, obras que interessam são aquelas que podem ser vistas, razão pela qual a construção de sistemas de saneamento e distribuição de água potável não se encontram no topo de sua lista de prioridades, muito embora em sua campanha tenha agitado essa bandeira para suas “minorias” que acabam cegas tendo a certeza que a culpa é da “maioria”.

E o maior aliado tanto das minorias como da maioria não é outro senão a mídia que em tempos atuais ganhou contornos mais sofisticados por meio das redes sociais, canais veiculando “lives”, podcasts, e todo um arsenal disponível para manipular quem quiser e da forma que quiser.

Se por um lado as mídias sociais e a internet surgem para dar voz às minorias, trazendo-as para a superfície visível do espectro social, por outro facilitam uma permissividade perniciosa com os manipuladores cujo objetivo é valer-se da imagem dessas minorias para veicular notoriedade de massa buscando favorecer seus projetos pessoais que nada tem a ver com os verdadeiros e necessários projetos comunitários que visam o bem-estar dessa minoria. Não há dúvidas de que a mídia tem o poder de manipular pessoas deturpando ou deformando o teor da informação que é divulgada ou difundida de modo forçado por meios de postagens retransmitidas por “robôs”.

Assim como sabemos que um militante ou simpatizante de políticas mais à esquerda dificilmente mudará seu pensamento ao ler um artigo publicado em um veículo de comunicação de massa ou por meio da mídia eletrônica cuja linha editorial seja mais à direita, ou vice-versa, também sabemos que o alvo do manipulador reside na massa popular que seja com o radinho de pilha colado ao ouvido, seja com o celular de última geração é atingido e afetado pela informação que é disparada por todos os meios repetindo-se continuamente até convencer o indivíduo que ele é obrigado a tomar posição, posto que é a única forma de sentir-se integrado e participativo.

Neste cenário, a veiculação de notícias relativas às minorias, denunciando posturas contrárias e ofensivas, assim como elegendo um culpado ou algoz, é o melhor meio de atrair atenção e influenciar posições e comportamentos para valer-se deles no momento oportuno para financiar seu projeto escuso ou que vise beneficiar sua própria oligarquia.

*“Em uma sociedade capitalista como a nossa o conteúdo presente nos grandes meios de comunicação condiz aos interesses das classes dominantes. Sendo assim, a maior parte das mensagens transmitidas é ideologizada pelas elites. Mensagens estas que serão mais bem-sucedidas à medida que o cidadão comum não se dê conta de seu caráter ideológico. Em outros termos, conforme enfatizou o pensador esloveno Slavoj Žižek, a mediação ideológica atinge os fins colimados quando as pessoas não a percebem”<sup>99</sup>.*

Para que essa estratégia surta o efeito desejado, na maioria das vezes, utiliza-se os mesmos mecanismos que servem aos veículos de propaganda alicerçados sobre cinco técnicas básicas, que podem assim ser resumidas:

**1) Instigar a população.** A melhor forma de instigar a população é disseminando o medo. Um gato dificilmente escolheria atacar um cachorro, mas, caso esteja acuado, suas unhas afiadas podem ser sua única salvação. Uma população amedrontada pode ser mais facilmente manejada.

**2) Representação como realidade.** Mas como criar esse medo coletivo? Usando esta segunda técnica. O medo não provém necessariamente da violência, mas da possibilidade que as pessoas percebem delas mesmas serem as vítimas..., os nazistas souberam manejar de forma magistral o uso da violência, de modo que ela aumentasse e o povo alemão se sentisse mais seguro. “É necessário, também, falsificar a realidade e completamente a história. Essa é outra maneira de superar tais restrições doentias: passar a impressão de quando atacamos alguém, na verdade estamos nos protegendo e nos defendendo de agressores e monstros perigosos” (Chomsky).

3) **Cortejo dos inimigos.** Nesse caso, trata-se de tirar a atenção, ou desviar, dos problemas centrais. Estamos falando não apenas da velha política do pão e do circo. As pessoas precisam de distração, mas apenas programas de auditórios não possuem esse poder. **Elas necessitam de algo para se preocupar, então são dados problemas e com suas respectivas soluções.** Esse problema pode ser o inimigo, tal como os judeus para os nazistas, ou uma caricatura da realidade. O transporte não funciona? É porque ele é público, vamos privatizá-lo que tudo se resolve. A taxa de homicídios está alta? Culpa dos direitos humanos, vamos aumentar o rigor das leis, diminuir a maioria penal e a criminalidade deixará de ser uma preocupação.

4) **Percepção seletiva.** Em junho de 2013 houve manifestações em massa no Brasil. As pautas não eram muito claras, mas a insatisfação com a corrupção era algo presente em quase todos os protestos. O governo brasileiro, tentando acalmar os ânimos, propôs uma reforma política que pretendia atacar o problema de forma estrutural. Foi então que começou uma campanha que o cientista político Jessé de Souza chamou de “fulanização da corrupção”. Ou seja, o problema deixou de ser estrutural e passou a ter nome, partido e cor. As insatisfações, que inicialmente eram difusas, passaram a ter um alvo e seu peso foi jogado nas costas de um pequeno grupo. **Resultado, os três partidos com o maior número de membros cassados por corrupção (PMDB, PSDB e DEM) escaparam da histeria coletiva e assumiram as rédeas da política.** A única forma de entender tal contradição, ou seja, como manifestações contra a corrupção favoreceram os corruptos, é estudando como se forma isso que Chomsky chamou de percepção seletiva da realidade.

5) **Crie slogans vazios e genéricos.** “Todos pela paz”. “Apoie o povo brasileiro”. “Contra a corrupção”. “A favor de democracia”. “Liberdade duradoura”, etc. Essas frases são chamativas, possuem apelo, porém seus significados são vazios. Quem seria contra a paz? Quem defenderia a corrupção? Políticos corruptos defendem o fim da corrupção. George W. Bush, se perguntado, dirá que é um ativista da paz mundial. **Conceitos genéricos produzem consenso porque não dizem nada, não incomodam ninguém. No momento que são traduzidos em políticas, eles precisam ser interpretados e quem os interpreta possui uma grande margem para manobrá-los. Por exemplo, “liberdade duradoura” é uma frase chamativa e agradável aos ouvidos. Porém, esse foi o nome dado à operação militar no Iraque que matou milhares de pessoas para destruir armas de destruição em massa que não existiam.** Quem seria a favor da Guerra do Iraque? Poucos. Mas com um slogan vazio e genérico: “apoie o povo americano”, “lute pela liberdade”, “ajude nossas tropas”, etc., fica mais fácil colocar um país em guerra em busca de nada.<sup>10</sup>

E assim, neste ano eleitoral, é necessário cuidado redobrado com as escolhas que faremos, a que minorias daremos maior atenção, pois certo é que, a resultante significará abraçar uma causa agitada pelos candidatos cujo intuito é angariar frutos para uma determinada oligarquia ou casta para que esta perdue junto ao poder, manipulando interesses coletivos em favor de seus próprios interesses. Assim as ditas “comunidades” continuarão a serem tratadas como favelas reduto de criminosos e facções, do mesmo modo que políticas habitacionais, urbanísticas, sociais e econômicas somente serão abarcadas quando aprovarem aos interesses de grupos empresariais que se digladiam junto a capitalistas mercenários que elevam seus ganhos diminuindo a influência estatal nas políticas que realmente interessam à população. **Os políticos não conhecem nem o ódio, nem o amor. São conduzidos pelo interesse e não pelo sentimento.** (Philip Chesterfield).

- 1 <https://onovo.pt/opiniao/a-ditadura-das-minorias-LH2292418>
- 2 <https://www.institutoliberal.org.br/blog/politica/a-tirania-das-minorias/>
- 3 <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-212365/>
- 4 <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/ministerio-da-justica-determina-remocao-do-filme-como-se-tornar-o-pior-aluno-da-escola/>
- 5 <https://spdiario.com.br/existem-regras-para-a-liberdade-de-expressao/>
- 6 <https://www.institutoliberal.org.br/blog/politica/a-tirania-das-minorias/>
- 7 <https://diariodopoder.com.br/opiniao/uma-discriminada-oprimida-e-esquecida-minoria>
- 8 <https://www.poder360.com.br/brasil/entenda-por-que-petropolis-viveu-pior-tragedia-de-sua-historia/>
- 9 <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as-pessoas/>
- 10 <https://racismoambiental.net.br/2017/04/10/midia-e-manipulacao-das-massas-uma-fatal-combinacao-capaz-de-derrubar-governos-ou-levantar-ditaduras-como-a-nazista/>